

## A ÚLTIMA ONDA: IDENTIDADE NEOPENTECOSTAL E SEU CARÁTER HISTÓRICO

### THE LAST WAVE: NEOPENTECOSTAL IDENTITY AND ITS HISTORICAL CHARACTER

Pedro André de Sousa Peixoto<sup>1</sup>  
pedroaspeixoto92@gmail.com

#### RESUMO

O neopentecostalismo está inserido na esfera do pentecostalismo, que é classicamente dividido em três ondas ou períodos e, na esfera maior do protestantismo. Todavia, o neopentecostalismo possui particularidades que o fazem tanto se assemelhar, o que chamamos de proximidades identitárias, como se diferenciar, o que chamamos de distanciamentos identitários, diante do pentecostalismo e do protestantismo respectivamente. Outrossim, objetivamos contribuir com a caracterização e enquadramento do neopentecostalismo, diante das semelhanças e diferenças em relação às esferas em que está inserido. Para tanto, concebemos o neopentecostalismo enquanto fenômeno social imbricado de historicidade, mantendo e modificando seus atributos. Conjuntamente, nos valem do conceito de identidade relacional conforme defendido por Barth (2005) e Cuche (1999), reputando-a por mutável de acordo com demandas das relações sociais. Dessa forma, analisamos atributos identitários do neopentecostalismo apresentados pelas Ciências sociais especializadas no campo religioso e, pela teologia do protestantismo histórico, que apontam características como misticismo e anti-intelectualismo, o que se aproxima do pentecostalismo e, descrença na suficiência da bíblia e foco na satisfação terrena, o que se distancia do protestantismo. Destarte, o neopentecostalismo é visto como ápice de um movimento histórico, tanto como última onda do pentecostalismo, como de máximo distanciamento identitário diante do protestantismo.

**Palavras-chaves:** Neopentecostalismo. Pentecostalismo clássico. Protestantismo. Proximidades identitárias. Distanciamentos identitários.

#### ABSTRACT

Neopentecostalism is inserted in the field of pentecostalism, which is classically divided into three waves or periods and, in the larger field of protestantism. However, neopentecostalism has particularities that make it so similar, what we call identities approximations, and how to differentiate, what we call identities distances, in relation to pentecostalism and protestantism, respectively. Furthermore, we aim to contribute to the characterization and framing of neopentecostalism, given the similarities and differences in relation to the fields in which it is inserted. To this end, we conceived neopentecostalism as a social phenomenon interwoven with historicity, maintaining and modifying its attributes. Together, we use the concept of relational identity as advocated by Barth (2005) and Cuche (1999), who consider it to be changeable according to the demands of social relations. In this way, we analyze the identities attributes of neopentecostalism presented by the social sciences specialized in the religious field and, by the theology of historical protestantism, which point out characteristics such as mysticism and anti-intellectualism, which approach pentecostalism and, disbelief in the sufficiency of the Bible and focus on present earthly satisfaction, which distances itself from protestantism. Hence, neopentecostalism is seen as the culmination of a historical movement, both as the last wave of pentecostalism and as a maximum distance from identity in relation to protestantism.

<sup>1</sup> Universidade Federal de Sergipe (UFS).

**Keywords:** Neopentecostalism. Classic pentecostalismo. Protestantism. Identities. Approximaions. Identities distances.

## INTRODUÇÃO

O salão da igreja, o altar do salão, o trono dourado no altar, a bispa no trono, os pés da bispa e uma multidão lotando o salão. O povo faz fila em direção à bispa, melhor, aos seus pés. A bispa manda que se façam duas fileiras, uma para cada pé, o que facilita o fluxo. Antes de melhor organizá-las, ela orienta que cada um deixe o dinheiro próximo ao respectivo pé e faça seu pedido ao tocá-lo. Assiste-se o evento pela televisão. Nada novo, os espectadores se acostumam a ver cenas do tipo com frequência cada vez maior. São os evangélicos em mais um ritual envolvendo dinheiro? São os crentes? Será? A Igreja Apostólica Plenitude do Trono de Deus (2006), liderada pelo apóstolo Agenor Duque e sua esposa, a bispa Ingrid, é uma denominação que representa o neopentecostalismo, terceira onda ou período do movimento pentecostal, conforme a já estabelecida classificação do sociólogo Paul Freston<sup>2</sup> (MORAES, 2010). Esse tipo de imagem, divulgada repetidamente, tem influenciado o modo como a população brasileira cria representações do multifacetado campo evangélico nacional.

O crescimento das igrejas neopentecostais no Brasil, a muito chama atenção de religiosos, acadêmicos e do público em geral. Desde seu início, a partir da década de 1970, por meio de denominações como a Igreja Universal do Reino de Deus (1977), liderada por Edir Macedo Bezerra e a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980), liderada por Romildo Ribeiro Soares, o movimento neopentecostal é alvo de olhares curiosos, críticos e mesmo assustados, especialmente pelo vertiginoso sucesso das denominações assim identificadas. Mesmo atualmente, cerca de quarenta anos após seu início, e num cenário social diferente, ainda se observa a ascensão de denominações como a Igreja Mundial do Poder de Deus (1998), liderada pelo apóstolo Valdomiro Santiago e a já citada Igreja Apostólica Plenitude do Trono de Deus.

Representações são produzidas não somente pelo público leigo, mas também as Ciências sociais, especialmente a sociologia do campo religioso e Ciências da religião, que analisam o movimento neopentecostal a fim de conhecê-lo e explicá-lo de modo mais metódico e minucioso, como prática da academia. A compreensão e domínio teórico do

---

<sup>2</sup> Conforme será visto, o pentecostalismo é comumente dividido em três ondas ou períodos, no Brasil desenvolvidos ao longo do século XX. Os dois primeiros são chamados de clássicos, o último e mais recente (a terceira onda) é costumeiramente denominada neopentecostalismo.

neopentecostalismo também é interesse da teologia, especialmente do campo protestante. Todas essas desenvolvem conhecimentos visando identificar o movimento, visando elencar características que o identifiquem.

Nessa labuta, as obras das ciências sociais requisitadas neste artigo, como as produzidas por Mariano (1996; 1999), Mendonça (2005), Gerson Moraes (2010) e João Passos (2000; 2001), se deparam com o problema de que aspectos identitários neopentecostais se assemelham aos encontrados nas duas ondas anteriores, dificultando sua especificação. Além disso, análises teológicas também requisitadas, como as empreendidas por Matos (2006), Ferreira e Myatt (2007), Vargens (2013) e Erickson (1997), representantes do protestantismo histórico, a saber, ligado às primeiras denominações a aportarem no Brasil, como Presbiteriana e Batista, podem reforçar as conclusões encontradas nas Ciências sociais. Todavia, invés de concentrar-se nas semelhanças ou, como chamaremos proximidades identitárias, é possível que os aspectos discriminados pela teologia apontem diferenças ou, como chamaremos distanciamentos identitários, nesse caso especificamente em relação aos atributos mais característicos do protestantismo. Proximidades e distanciamentos identitários são termos que se adequam às noções contemporâneas sobre identidade vistas adiante. A perspectiva teológica se soma, especialmente à sociológica, contribuindo para uma melhor compreensão do fenômeno neopentecostal.

Para um melhor entendimento das características listadas por sociólogos e teólogos, o olhar de historiador percebe o objeto analisado enquanto fenômeno sócio histórico, logo constituído de historicidade. A consciência da dimensão temporal do fenômeno propicia ganhos em relação ao seu entendimento. Tal consciência se coaduna com a concepção relacional de identidade, ou identificação, que a considera enquanto processo contínuo, possuindo um caráter potencialmente mutável, fluido, influenciada pela conjuntura social e por esta composta, especialmente nas sociedades modernas, conectadas de algum modo ao mundo globalizado. Pode-se encontrar tal noção relacional desenvolvida na obra do antropólogo social norueguês Fredrick Barth (2005, p. 15-30), o caráter processual e o termo identificação com o historiador francês René Gallissot (1987, p. 12-27) e, a conexão e defesa de ambos pelo cientista social Denis Cuche (1999, p. 175-202).

Adiante, analisamos os atributos identificadores do neopentecostalismo, apresentados em obras sociológicas, considerando seu caráter mutável, de acordo com a dinâmica dos contextos que os cercam. Analisamos, especialmente, sua dimensão histórica, pois as identidades são forjadas constantemente ao longo do tempo. Para tal, percorremos brevemente

as três ondas ou períodos do pentecostalismo, cada uma com suas especificidades e semelhanças, sendo patente as proximidades identitárias entre a última e as anteriores. Já o exame teológico, ao comparar características do movimento neopentecostal às identificadas no protestantismo, o que envolve um distanciamento temporal maior, encontra divergências mais profundas entre os dois ou, como dito, distanciamentos identitários. Mais uma vez é notável o caráter histórico dos fenômenos observados junto à mutabilidade identitária destes. Assim, nesse estudo, percorremos um trajeto histórico do protestantismo marcado por uma origem pautada na defesa da soberania de Deus em detrimento da liberdade humana e por momentos de ruptura pautados pela elevação da liberdade humana em prejuízo da soberania divina (MATOS, 2006, p. 23-50; FERREIRA, MYATT, 2007, p. 222-267).

Vale ressaltar que o recorrer à análise de práticas políticas do neopentecostalismo, bem como de outros segmentos protestantes tentando desenvolver identificação destes é procedimento possível e válido, tanto nas Ciências sociais como na teologia, por exemplo sob os primas da cultura política e Teologia política respectivamente. Pelo que tem-se chamado atenção o fortalecimento da participação e influência política de denominações neopentecostais, bem como de outros segmentos da esfera protestante. A exemplo de muitos desses fazerem parte de movimentos conservadores nos costumes, liberais na economia e especialmente avessos ao espectro da esquerda. Os quais, dentre outras coisas, propiciaram vitórias de políticos alinhados ao espectro da direita nas eleições de 2018. No entanto, a complexidade do âmbito político no meio religioso que envolve elementos como conceitos teológicos, contextos sócio-históricos, relações de poder e interesses políticos requerem um estudo próprio que desfrute de mais espaço, e análise mais cuidadosa para se evitar desentendimentos e generalismos.

## AS TRÊS ONDAS

Antônio Mendonça propõe uma divisão na História do protestantismo no Brasil em quatro períodos, cada um com características gerais marcantes. O último é chamado período de repressão e isolacionismo das Igrejas, de 1962 a 1983. Nesse período, no fim da década de 1970 emerge o neopentecostalismo no Brasil (MENDONÇA, 2005, p. 52). Uma periodização específica sobre o pentecostalismo, maior experiência religiosa do século XX no mundo (BERGER; ZIJDERVELD, 2012), foi desenvolvida pelo sociólogo Paul Freston, ao dividir sua

história em três momentos ou ondas, cujo movimento neopentecostal é a terceira e última, uma variante do pentecostalismo (MORAES, 2010, p. 2).

A primeira onda do movimento pentecostal brasileiro teve início na década de 1900, com o surgimento da Igreja Assembleia de Deus (AD) em 1906 no estado do Pará, e da Igreja Congregação Cristã no Brasil em 1910 (CCB) no Paraná e São Paulo. Nesse período, a maior parte da população brasileira vivia na zona rural e não tinha acesso a itens como saneamento básico e alfabetização. Na zona urbana, o maior “benefício” de grande parcela de seus residentes em relação aos interioranos era vivenciar um ritmo alucinante de trabalho, “livre” de direitos trabalhistas. O cientista social João Décio Passos em sua tese de doutoramento, aponta ter sido por essas massas rurais e urbanas que o movimento se alastrou, associando-se a uma população mais pobre e herdeira de uma cultura religiosa apresentada como o catolicismo popular, notavelmente místico (2001, p. 120-325). A marca primordial do pentecostalismo como um todo é o batismo com o Espírito Santo, ou segunda benção. Na primeira onda o traço marcante foi a necessidade da prática da glossolalia (falar em linhas estranhas) como prova visível do recebimento de Espírito Santo (MATOS, 2006, p. 32).

A segunda onda pentecostal no Brasil é marcada pela chegada da Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ) em 1951, vinda dos EUA. Quadrangular por tratar Cristo como aquele que salva, cura, batiza com o Espírito Santo e virá outra vez. Ao longo da segunda onda está se concretizando uma virada demográfica no país, em que a população da zona urbana ultrapassa em quantidade a da zona rural (CORREA, s/d). Os direitos trabalhistas já são lei, porém as práticas exploratórias no mundo do trabalho permanecem junto à crônica desigualdade social. O pentecostalismo ainda se expande predominantemente pela população mais pobre, sempre necessitada de alento (2001, p. 120-325). O atributo distintivo da segunda onda é a ênfase no dom de cura, que se popularizou no país através da Cruzada Nacional de Evangelização promovida pela IEQ. As Cruzadas (grandes comícios itinerantes) ajudaram na expansão da denominação no país e, na infiltração de seus costumes em outras denominações (MATOS, 2006, p. 43). É importante citar também a emersão do movimento carismático, que trouxe por exemplo, uma maior dinâmica na liturgia do culto, como mais um elemento significativo da segunda onda pentecostal (MATOS, 2006, p. 34).

A terceira onda do movimento pentecostal brasileiro se dá no trânsito das décadas de 1970 e 1980, com seu início marcado pela criação da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) em 1977 pelo bispo Edir Macedo, além de outras como a Igreja Internacional da Graça de Deus em 1982 por Romildo R. Soares, cunhado de Edir. Nesse momento, o Brasil já havia passado

pelo período chamado de milagre econômico, bem como pela crise subsequente a este (especificamente no Sudeste). Vivenciou a derrocada da utopia socialista de tornar realidade uma igualdade social global e do interesse capitalista em promover um estado de bem-estar-social (HOBSBAWM, 1995, p. 393-482). Mais uma vez, inicialmente, são integrantes das camadas mais pobres que encontram na agora terceira onda, alento em meio aos problemas sociais que se multiplicam nas proporções inflacionárias do período (PASSOS, 2000, p. 120-128).

A terceira onda é denominada majoritariamente de neopentecostalismo. Marcante é sua ênfase na prosperidade material, fruto de um pensamento teológico triunfalista e materialista. Isso, pois sua principal influência é a teologia da chamada confissão positiva, desenvolvida por nomes como Kenneth Hagin, principalmente nas décadas de 1960 e 1970 e, expandindo-se nas décadas posteriores. A confissão positiva seleciona textos bíblicos referentes à vitória do cristão sobre o pecado e a morte, transmuta-os e expande-os para vitórias na presente vida material, principalmente sobre a pobreza e a doença, símbolos de derrota que não deveriam ser aceitos pelos crentes. Logo, pelo poder da palavra proferida pelo cristão seria possível por exemplo, garantir prosperidade financeira e cura de doenças. As quais, caso não alcançadas seria devido ao pecado ou falta de uma fé mais forte no crente (MARIANO, 1996, p. 24-44; MACARTHUR JR., 2011, p. 351-352; SILVA, 2020, p. 273-274).

Apesar de trazermos uma marca genérica para cada onda, ao observarmos mais apuradamente, notamos que estas possuem aspectos bastante similares, ou um notável grau de proximidades identitárias. Tais ondas se distinguem especialmente em intensidade, em que uma costuma ampliar elementos da anterior. A demasiada intensificação de atributos identitários das ondas anteriores, exagerando-os ao máximo, unido a novos aspectos, frutos de um novo cenário social em surgimento, é traço identitário marcante do neopentecostalismo, como será visto adiante.

### **PROXIMIDADES IDENTITÁRIAS (UM OLHAR DAS CIÊNCIAS SOCIAIS)**

No campo das Ciências sociais, as pesquisas de Moraes (2010), Mariano (1996; 1999) e Campos (2005) concordam em apontar algumas características do pentecostalismo, que desde o período da segunda onda assumiu a primazia na influência sobre o cenário protestante brasileiro. Entre esses atributos, destacamos: 1) o caráter místico, a saber um forte senso de influência do mundo espiritual sobre os acontecimentos do mundo físico, mesmo os mais

simples do cotidiano. Pelo que as ações dos crentes na realidade material são deveras mediadas por esse senso. 2) o anti-intelectualismo, a saber não somente uma fragilidade em relação ao conhecimento formal, hierarquizado e acadêmico, especialmente no âmbito teológico, tratante do sagrado, como também uma aversão a este. Esses atributos teriam proporcionado uma significativa capacidade de interação com a cultura religiosa popular brasileira, também tida por mística e anti-intelectual (SANCHIS, 1997, p. 28-43; MARIANO, 1999). Tornando-se tal capacidade de interação, mais um atributo característico da fé pentecostal. Tais atributos genéricos também são apontados por Bourdieu, quando este retrata a religiosidade das massas, no âmbito popular não elitizado (2007, p. 27-78).

Mariano, assinala:

Para ser enquadrada como neopentecostal, portanto, uma igreja fundada a partir de meados da década de 70 deve apresentar as características teológicas e comportamentais distintivas dessa corrente. Quanto mais próxima dessas características estiver, tanto mais adequado será classificá-la como neopentecostal. Isto é, quanto menos sectária e ascética e quanto mais liberal e tendente a investir em atividades extra-igreja (empresariais, políticas, culturais, assistenciais), sobretudo naquelas tradicionalmente rejeitadas ou reprovadas pelo pentecostalismo clássico, mais próxima tal hipotética igreja estará do espírito, do *ethos* e do modo de ser das componentes da vertente neopentecostal (MARIANO, 1995, p. 37 *apud*: MORAES, 2010, p. 2).

As Ciências sociais encontram dificuldades em delimitar uma identidade neopentecostal em distinção às outras ondas pentecostais. Apesar de Mariano procurar elementos que diferenciem a terceira onda das anteriores, o que se vê em sua identificação é o recurso ao grau de intensidade, exposto na afirmativa “Quanto mais próxima dessas características estiver, tanto mais adequado será classificá-la como neopentecostal” (MARIANO, 1995, p. 37 *apud*: MORAES, 2010, p. 2). Essa dificuldade assevera a historicidade e mutabilidade da identificação neopentecostal, imbricada ao mesmo tempo, por distanciamentos e proximidades em relação ao pentecostalismo clássico das duas ondas anteriores.

Ainda quanto ao pentecostalismo clássico das duas primeiras ondas, sua notável adaptabilidade, relacionada à capacidade de interação, permitiu que seus atributos adentrassem também as portas de denominações do protestantismo histórico como as igrejas Presbiteriana, Batista e Metodista. O que ocorreu, especialmente durante a segunda onda, por meio do movimento de renovação carismática, o qual enfatiza e promove a presença de “manifestações

especiais da obra do Espírito Santo” (ERICKSON, 1997, p. 360) entre os cristãos, como a glossolalia e cura.

Traumáticas cisões foram causadas por essa incursão pentecostal, gerando novas denominações e convenções, como a Igreja Presbiteriana Renovada (IPR) em 1975, saída da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) e, a Convenção Batista Nacional (CBN) em 1965, saída da Convenção Batista Brasileira (CBB). Mesmo quando não ocorreram cisões nas igrejas históricas, ainda houve a assimilação de hábitos pentecostais por parte dos membros das referidas denominações. Portanto, o potencial de adaptação, sinônimo do que é mais facilmente mutável, que poderia ser um elemento distintivo do neopentecostalismo, pode ser encontrado já na onda anterior. Assim é, pois além de seus atributos mais ímpares como a ênfase na prosperidade material, o neopentecostalismo possui notáveis características sociorreligiosas que se aproximam das do pentecostalismo clássico, diferenciando-se quanto aos graus de intensidade com que são encontradas. Paradoxalmente, fazendo do exagero, da intensificação de elementos dos períodos anteriores, mais um atributo próprio da terceira onda (MORAES, 2010).

### **DISTÂNCIAMENTOS IDENTITÁRIOS (UM OLHAR TEOLÓGICO)**

Alderi Matos, historiador da IPB aponta que uma marca do neopentecostalismo é o trinômio cura-exorcismo-prosperidade, em que prosperidade, especialmente a financeira, é uma ênfase distintiva da terceira onda (2006, p. 45). Ainda assim, a cura e o exorcismo são facilmente encontrados nos períodos anteriores, a cura nos cultos e a ideia de possessão, nutrida pelos crentes no cotidiano. Outros olhares teológicos podem revelar aspectos mais profundos da identidade neopentecostal e, conseqüentemente, apontar diferenças ou distanciamentos, especialmente em relação ao protestantismo.

Diante da atual situação da pesquisa sobre o neopentecostalismo, do desafio de identificá-lo e caracterizá-lo em seus elementos distintivos, empreendemos uma leitura histórica de considerações teológicas sobre o fenômeno. Tais ponderações permitem encontrarmos mais atributos identificadores, que se somam aos trazidos pelo olhar das Ciências sociais. Todavia, caminham numa perspectiva de revelar distanciamentos diante dos atributos identitários mais marcantes do protestantismo, diferentemente das proximidades com o pentecostalismo.



Analisamos o neopentecostalismo por meio de comparação com a teologia construída pelo protestantismo que se estabeleceu, ao longo dos séculos, como ponto comum, como ortodoxia. Seu referencial são as ideias encontradas na Reforma do século XVI, basilares do movimento religioso e que permaneceram como elementos essenciais da identidade protestante (BERKHOF, 1992, p. 133-141, 164-182, 195-204; DELUMEAU, 1989; PEIXOTO, 2018; 2020). Lembrando que uma análise comparativa nesse lastro temporal deve considerar os contextos específicos e a perspectiva de continuidade em relação à mentalidade coletiva, própria de uma duração média, a saber do tempo socialmente apreendido (BRAUDEL, 2013).

Ao longo da história do Cristianismo pode-se notar uma ideia essencial que direciona o pensamento cristão: a soberania de Deus sobre tudo o que acontece, especialmente as ações humanas, incorrendo na questão de serem estas são livres ou não. Quanto a isso, desde o início o pensamento cristão foi marcado pela disputa entre visões. Assim, temos que quanto mais se sobressai a soberania divina, minimizada é a liberdade humana e, quanto mais se leva em conta a liberdade humana, maior o prejuízo da soberania divina (BERKHOF, 1992, p. 115-148; DELUMEAU, 1989, p. 215-234). Na teologia, a diferença se apresenta pelos termos monergismo e sinergismo. O monergismo trata de quantas pessoas agem beneficentemente no relacionamento entre homem e Deus, ou seja, que só Deus age beneficentemente neste relacionamento. Especialmente quanto à salvação, temos que todas as etapas de seu processo “são operadas e garantidas somente por Deus, não restando ao homem nenhuma ação eficiente, a não ser responder positivamente à condução de Deus, coisa que o próprio Deus o capacita e o direciona a fazer (PEIXOTO, 2020, p. 745). Assim é, porque se crê que o homem não possui capacidade nem liberdade de vontade em escolher aceitar ou rejeitar a Deus, entre bem e mal. Sua vontade e capacidade estão de tal modo corrompidas, que o homem por si só, somente escolhe rejeitar a Deus. Tal ação má é própria da natureza humana desde que foi corrompida pelo pecado de Adão, quando esta perdeu sua liberdade de vontade e capacidade de escolher verdadeiramente o supremo bem, a Deus (BERKHOF, 1992, p. 133-148; ERICKSON, 1997, p. 237-274; FERREIRA, MYATT, 2007, p. 124-141).

O sinergismo também trata de quantas pessoas agem beneficentemente no relacionamento entre Deus e homem. Nesse caso, ambos têm ação benéfica no relacionamento. Especialmente quanto à salvação do homem, entende-se que ele possui liberdade e capacidade de escolha, logo estando apto para decidir entre aceitar a Deus ou não, entre bem e mal. Por isso, a ação livre do homem é relevante, eficaz e necessária no relacionamento com Deus. Outrossim, o sinergismo é essencialmente contrário ao monergismo. Tal diferença ultrapassa o âmbito da soteriologia

(ramo que trata das doutrinas da salvação), perpassando todas as doutrinas da teologia cristã e seu entendimento sobre a vida das pessoas, tudo o que elas fazem em seu relacionamento com Deus, atingindo também quaisquer outras instâncias sociais, privadas ou públicas, como a política, economia, cultura etc. (DANIEL, 2015; DEYOUNG, 2011; FERREIRA, MYATT, 2007, p. 185-201).

Podemos dizer que a Reforma protestante do século XVI foi o caminhar de parte da cristandade ocidental, do sinergismo, basilar no corpo doutrinário da Igreja Católica (ICAR) rumo ao monergismo. O monergismo embasa o principal corpo de atributos representativos da Reforma: os cinco *solas*. Os *solas*, assim expressados somente posteriormente, sintetizaram as principais ideias do protestantismo defendidas à época: *sola scriptura* (somente a escritura), *sola gratia* (somente a graça), *sola fide* (somente a fé), *solus Christus* (somente Cristo) e *solus Deo glória* (glória somente a Deus). Por exemplo: o chamado resgate das doutrinas da graça na Reforma, fruto das releituras de Paulo e Agostinho de Hipona, o qual embasou o combate às indulgências católicas, é representado pelo *sola gratia*. O referido *sola* se conecta aos outros, e todos se ancoram no pressuposto monergista, como melhor explicado adiante (BERKHOF, 1992; DELUMEAU, 1989).

A partir da ideia de monergismo/sinergismo é traçado um percurso histórico do protestantismo (original e majoritariamente monergista), em que momentos de rupturas se deram pela emergência de movimentos de caráter sinergista. O surgimento do Arminianismo (doutrina antagônica ao monergismo calvinista) nos Países Baixos no século XVII é o principal momento de ruptura, quando as doutrinas sinergistas iniciam seu trajeto de popularização e futura hegemonia no meio protestante (MATOS, 2006; MENDONÇA, 2008; PEIXOTO, 2018, p. 7). Influenciado pela teologia sinergista do Arminianismo, irrompe-se o movimento metodista liderado por John Wesley na Inglaterra do século XVIII, com ênfase na santidade que o homem precisa exercer para garantir sua salvação. Inspirado neste, emerge nos EUA no século XIX o movimento de santidade *holiness*. Influenciado diretamente pelo *holiness*, ainda nos EUA, se dá a ascensão do pentecostalismo no limite dos séculos XIX e XX, aportando no Brasil logo em seguida (MATOS, 2006, p. 23).

Esses movimentos protestantes se distanciaram cada vez mais de uma base monergista, encontradas abundantemente nos discursos dos reformadores mós como Lutero, Zwinglio, Bucer e Calvino, dos puritanos ingleses do século XVII, como John Owen e John Bunyan. Destarte, é possível traçar uma linha temporal do protestantismo marcada pela caminhada rumo ao sinergismo, por meio de fenômenos de afirmação sinergistas. Esse é um percurso de

distanciamentos identitários diante do monergismo e de aproximações sinergistas. Ora, o neopentecostalismo é, até então, a máxima intensificação do movimento pentecostal, retratado como fenômeno sinergista, já distanciado historicamente da origem basilar monergista do protestantismo. Sendo assim, o neopentecostalismo é o auge do distanciamento de parte do meio protestante diante dos atributos identificadores do protestantismo.

Para deixar mais clara a ideia, comparemos elementos identitários fundamentais da Reforma, que revelam seu caráter monergista, às características identificadoras da terceira onda pentecostal, o que evidenciará o referido distanciamento identitário. A obra *Reforma Agora: o antídoto para a confusão evangélica no Brasil* (2013), do teólogo protestante Renato Vargens, faz uma simples, mas perspicaz leitura do evangelicalismo brasileiro atualmente, relativamente influenciado pelo neopentecostalismo, à luz dos cinco *solas* da Reforma protestante. Desse modo, os *solas* serão nossa base de análise para a comparação, a fim de melhor identificar a última onda.

O *sola scriptura* afirma que somente a Bíblia, por ser a palavra inspirada plenamente por Deus para os homens, é a maior autoridade normativa do cristianismo. A Bíblia deve ser o parâmetro de máximo de onde se produzem as doutrinas e entendimentos, e o juiz a decidir querelas, portanto, estando a cima de qualquer autoridade eclesiástica. Sendo assim, também é suficiente para apresentar toda a verdade necessária à vida e relacionamento do homem com Deus, não havendo mais nenhuma comunicação especial revelada após sua escrita. Contrariando o *sola scriptura*, o pensamento neopentecostal crê na atual vigência e autoridade de outras formas de comunicação da Divindade para com seus fiéis, por exemplo revelações em sonhos, êxtases e profecias, as quais minimizam a suficiência e o caráter mediador da Bíblia na comunicação entre Deus e homem, substituindo-a por estas práticas deveras místicas e de comprovação mais subjetiva (VARGENS, 2013, p. 27-48). Crê ainda que se deve buscar esse tipo de comunicação, pela prática diligente e meritória desenvolvendo uma práxis sinergista de comunicação com Deus. Logo, estando distante da ideia monergista da crença no favor gracioso, ou seja, imerecido de Deus no relacionamento com o homem.

O *sola gratia* aponta para a ideia de que toda dádiva ou benesse direcionada aos homens, em especial a salvação, assim como qualquer outro benefício, seja saúde, prosperidade, força, sorte, seja o que for de bom, é dado gratuitamente por Deus, sem ser este motivado por nada de bom que o homem possa ter feito previamente. Sendo assim, essencialmente não existe nenhuma recompensa vinda da Divindade por uma boa ação feita por alguém. Nesse *sola*, as bênçãos não são pagamento pelas boas ações humanas, antes são a causa das boas ações.

Diferente é a ideia nutrida pelo neopentecostalismo que se parece mais com a visão católica, arraigada na mentalidade brasileira, expressa na frase popular “fazes que eu te ajudarei...”. Existe um caráter meritório no relacionamento com Deus, em que este beneficia os homens de acordo com suas boas obras, criando-se práticas de barganha. As quais são deveras comuns no neopentecostalismo, como programas de promessas de fidelidade para reivindicar bênçãos, jejum em troca de cura e bênçãos, dízimo por emprego etc. (VARGENS, 2013, p. 49-62). Destarte, a mentalidade meritória e as práticas de barganha do neopentecostalismo se distinguem do *sola gratia* e se distanciam do princípio monergista (ERICKSON, 1997, p. 369-390).

O *sola fide* é a oposição à ideia de que as boas obras são eficientes para a salvação do homem. O elemento fé se põe como negação da eficiência das obras. Assim, a fé é o elemento que representa a confiança somente na ação de Deus em detrimento das boas ações que pretensiosamente esperam uma recompensa divina. Mais uma vez o neopentecostalismo se distancia do pensamento característico da Reforma, agora no quesito fé. A doutrina do movimento crê que as boas obras são necessárias para completar a obra de salvação (sua ideia de santificação pessoal), e que a salvação pode ser perdida por ser fruto do trabalho sinérgico de Deus e homem (VARGENS, 2013, p. 63-72). Como já posto, as boas obras fazem parte do pensamento neopentecostal enquanto necessárias não somente à salvação, mas em toda a relação homem/Deus, aproximando-se assim completamente de uma visão sinergista.

O *solus Christus*, é a crença que somente Jesus Cristo é o mediador capaz de possibilitar um relacionamento paternal entre Deus e os homens. Portanto ele, segunda pessoa da Trindade, é quem deve ser enfatizado no relacionamento do Deus Trino com os homens. O neopentecostalismo apresenta uma divergência significativa quanto a esse *sola*, pois na terceira onda existe uma ênfase no relacionamento com a terceira pessoa da Trindade: o Espírito Santo. A necessidade de constatação de um relacionamento com o Santo Espírito conduz a práticas como emocionalismo com gemidos, glossolalia, gritaria, transe, desmaios, rodopios etc. o que indica uma postura mística de exagero dos dons, próprio do movimento. Além disso, ao considerar o trabalho do homem como conjuntamente necessário à sua salvação, é minimizada a visão de que somente Cristo age eficazmente nesta obra (VARGENS, 2013, p. 73-86). Em mais esse aspecto o neopentecostalismo se distancia do monergismo. Na realidade, o distanciamento é até mais profundo, pois interesses como salvação e vida eterna são relegadas à segundo plano, predominando um materialismo religioso, a ideia de suprimento de

necessidades imediatas, para o “aqui e agora” (MARIANO, 1996; PASSOS, 2000; VARGENS, 2013).

O *solī Deo glōria* é tanto causa como consequência dos outros *solas*. Enquanto consequência, o *sola* conclui que se Deus é o grande agente eficaz no relacionamento benéfico com o homem, especialmente em sua eterna salvação, os louros da vitória e as congratulações pelo sucesso são devidos somente a Deus. Tem-se também que a história da redenção do homem se dá somente através da ação de Deus, justamente para que a glória seja somente Dele. Enquanto causa, esse *sola* se mostra o motivo pelo qual os outros possuem um caráter unilateral e que apontam para a confirmação de que a glória deve ser somente de Deus. Assim, a glorificação divina é a suprema finalidade da existência do espaço tempo, dos seres, da história e de tudo o que há (FERREIRA, MYATT, 2007, p. 103).

A teologia neopentecostal se distancia do último *sola*, pois entende que as pessoas são participantes necessárias e eficazes em sua salvação e, que suas obras podem direcionar as ações divinas. Logo, esses crentes seriam possuidores de méritos, juntamente com Deus (VARGENS, 2013, p. 87). Há também uma tendência em crer na satisfação humana enquanto finalidade de sua existência, de modo que os programas e ações das igrejas da terceira onda acima exemplificadas, se direcionam ao apelo pelo fim do sofrimento e derrotas e, pela promessa de vitórias e prosperidade, fomentando assim um hedonismo e um antropocentrismo religioso. Em 2019, em repercutido discurso, o pregador Deive Leonardo chegou a afirmar: “do evangelho Jesus é o centro, mas de Jesus você é o centro...”.

O glória somente a Deus, ao apresentar a causa final de todas as coisas, é o que mais claramente evidencia a natureza do monergismo enquanto elemento constituinte dos cinco *solas* caracterizadores da Reforma protestante. Isso, pois o termo *sola* atinge seu ápice ao proclamar que a humanidade não existe para si, antes reivindica que sua finalidade, bem como de toda a existência cósmica é a glorificação de Deus, que a criou. Ele criou todas as coisas, acima de tudo, para si mesmo, e para que o homem tivesse a oportunidade de glorificá-lo ao ter ciência disto (FERREIRA, MYATT, 2007, p. 98, 111). Em significativo distanciamento do caráter transcendental do cristianismo, neste caso especificamente do protestantismo, o neopentecostalismo se apresenta como desenvolvido para atender as necessidades materiais imediatas desta vida, como a financeira, física, emocional e social de uma população as vezes carente de tais elementos, assim como cheia de ambição para tê-los ou comprá-los, relegando a segundo plano as preocupações com a próxima vida, a eterna. Em mais esse ponto, as análises

teológicas acabam por reforçar as das Ciências sociais no esquadramento histórico de uma identidade neopentecostal.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O neopentecostalismo é um fenômeno socioreligioso inserido nas esferas do pentecostalismo e do protestantismo. Estudos das Ciências sociais apontam alguns atributos identificadores da terceira onda, tais como a ênfase na prosperidade, o misticismo e o anti-intelectualismo. Por conseguinte, outras duas características são indicadas, a saber, a capacidade de interação com a cultura religiosa brasileira e, finalmente, a intensificação de atributos das ondas anteriores do pentecostalismo, levando-os ao exagero, expondo proximidades identitárias entre estas. Análises teológicas do neopentecostalismo trazem atributos como o trinômio cura-exorcismo-prosperidade e, apontam a heterodoxia do movimento em relação aos elementos representativos do protestantismo, expondo distanciamentos identitários diante deste.

A divisão de períodos pentecostais, a ideia de intensificação dos atributos das ondas anteriores, bem como o apontamento da heterodoxia da terceira onda diante do protestantismo desvelaram o caráter histórico do movimento e nos forneceram subsídios para que empreendêssemos uma análise comparativa de cunho histórico, visando contribuir com seu entendimento. Assim, notamos que a terceira onda é fruto do processo histórico de intensificação das características do pentecostalismo clássico, possuindo atributos similares, apesar de ser “outra coisa”. Notamos também que o neopentecostalismo é o ápice do lento movimento histórico de distanciamento da fé protestante, é sua ruptura máxima, mesmo sua morte, o lugar do não protestantismo dentro da esfera protestante. De uma ou de outra forma, o neopentecostalismo se apresenta como ápice de processos históricos.

## REFERÊNCIAS

BARTH, Fredrik. Etnicidade e o conceito de cultura. Tradução de Paulo Gabriel Hilo da Rocha Pinto. *In: Antropolítica*, Niterói, p. 15-30, 2005.

BERKHOF, Louis. **A História das Doutrinas Cristãs**. Tradução de João Marques Bentes e Gordon Chown. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionada PES, 1992.

BERGER, Peter; ZIJDERVELD, Anton. Os muitos deuses da modernidade. *In: Em favor da dúvida: como ter convicções sem se tornar fanático*. Tradução de Cristina Yamagami. Rio de Janeiro: Elvevier, 2012.

BOURDIEU, Pierre. Gênese e Estrutura do Campo Religioso *in: A Economia das Trocas Simbólicas*. 1ª reimpr. da 6ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a História**. Tradução de Jacó Ginsburg e Tereza Cristina Silveira da Mota. 2ª reimpr. da 1ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2013.

CAMPOS, Leonildo. As Origens Norte-americanas do Pentecostalismo Brasileiro: Observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. *In: REVISTA USP*, São Paulo, n.67, p. 100-115, setembro/novembro 2005.

CORREA, Marina. **Pentecostalismo e transformações na sociedade brasileira**: Rupturas pessoais; rupturas sociais. s/d. 48 slides.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. 1ª. Ed. Bauru: EDUSC, 1999.

DANIEL, Silas. Em defesa do Arminianismo: Uma análise sobre a recente ascensão do Calvinismo no Brasil e uma exposição do que ensina, de fato, o Arminianismo. *In: Revista Obreiro*, nº 68, 2015. Disponível em: <<http://www.editoracpad.com.br/hotsites/obrasdearminio/>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

DEYOUNG, Kevin. **A santificação é Monergística ou Sinérgica? Uma análise reformada**. Tradução: Henderson Fonteneles. Disponível em: <<https://www.thegospelcoalition.org/blogs/kevin-deyoung/is-sanctification-monergistic-or-synergistic-a-reformed-survey/>>. Acessado em 22/02/2018.

ERICKSON, Millard. **Introdução à Teologia sistemática**. Tradução de Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 1997.

FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. **Teologia Sistemática**: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual. São Paulo: Vida Nova, 2007.

GALLISSOT, René. “Sous l’identité, le procès d’identification”. *In: L’Homme et la Société*, p. 12-27, 1987.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos**: o breve século XX: 1914-1991. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LEONARDO, Deive. **Importante**. Disponível em: <<https://you.be/sk0i09fYKSM>>. Acessado em: 16/10/2019.

MACARTHUR JR. John. **O Caos Carismático**. Tradução de Rogério Portella. São José dos Campos: Editora Fiel, 2011.

MARIANO, Ricardo. Os Neopentecostais e a Teologia da Prosperidade. *In: Novo Estudos CEBRAP*, Nº 44, p. 24-44, mar. 1996.

\_\_\_\_\_. O futuro não será protestante. *In: Ciências Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 1, n. 1, p. 89-114, set. 1999.

MATOS, Alderi. O movimento pentecostal: reflexões a propósito do seu primeiro centenário. *In: Fides Reformata*. Vol. XI, Nº 2, p. 23-50, 2006.

MENDONÇA, Antonio. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. *In: Revista USP*, São Paulo, n.67, p. 48-67, setembro/novembro 2005.

\_\_\_\_\_. **O Celeste Porvir**. A Inserção do Protestantismo no Brasil. 3ª. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

MORAES, Gerson. Neopentecostalismo - um conceito obstáculo na compreensão do subcampo religioso pentecostal brasileiro. *In: Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, p. 1-19, junho 2010.

PASSOS, João. **Teogonias Urbanas**: O re-nascimento dos velhos deuses. Uma abordagem sobre a representação religiosa pentecostal. Tese (doutorado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, São Paulo, 2001.

\_\_\_\_\_. Teogonias Urbanas: os pentecostais na passagem do rural ao urbano. *In: São Paulo em Perspectiva*, volume 14, nº 4, p. 120 – 128, Outubro/Dezembro 2000.

PEIXOTO, Pedro. **Ventos antigos sopram no Brasil recente**: a expansão do Novo Calvinismo entre evangélicos brasileiros por meio da Internet (2008-2017). Monografia (graduação em História). Universidade Federal de Alagoas, UFAL, 2018.

\_\_\_\_\_. Quem eles pensam que são? Identidade calvinista no Brasil contemporâneo. *In: Temporalidades – Revista de História*, ed. 32, vol. 12, n. 1 (Jan./Abr. 2020).

SANCHIS, Pierre. As Religiões dos Brasileiros. *In: Horizonte*, volume 1, nº 2, p. 28 – 43, Belo Horizonte, 1997.

SILVA, Marlon. A teologia da Confissão Positiva e o American Way of Life no Brasil: uma leitura a partir do conceito de identidade em Stuart Hall. *In: Temporalidades – Revista de História*, ed. 33, vol. 12, n. 2 (Mai./Ago. 2020).

VARGENS, Renato. **Reforma Agora**: O antídoto para a confusão evangélica no Brasil. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2013.